



O ESPAÇO FICCIONAL OPRESSOR E SUA RELAÇÃO COM A PERSONAGEM PRINCIPAL DO CONTO “NEGRINHA”, DE MONTEIRO LOBATO

THE OPPRESSING FICTIONAL SPACE AND ITS RELATIONSHIP
WITH THE MAIN CHARACTER OF MONTEIRO LOBATO *NEGRINHA* TALE

Ederson Dias de Carvalho*

74

Resumo: A presente pesquisa objetiva analisar a personagem principal do conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato, sob o viés do espaço ficcional e suas teorias, além de apontar que essa narrativa apresenta uma visão estereotipada do negro. O espaço pode ser considerado a chave-solução para uma significativa compreensão de uma infinidade de personagens e obras. Por meio desse elemento da narrativa (o espaço), pode-se perceber no referido conto de Lobato o negro em uma visão distanciada, diferentemente da visão proposta pela literatura produzida a partir do final da década de 60 até os dias atuais. Os resultados demonstram que, quando o leitor analisa as personagens e as obras literárias sob a perspectiva do espaço ficcional, ele consegue enxergar novas abordagens propostas por essas personagens e obras ao lançar um olhar crítico sobre a literatura estereotipada outrora produzida no Brasil no que se refere ao espaço do negro.

Palavras-chave: Espaço ficcional; Personagem; *Negrinha*; Monteiro Lobato.

Abstract: This research aims to analyze the main character of the short story *Negrinha*, by Monteiro Lobato, from the perspective of the fictional space and its theories, in addition to pointing out that this narrative presents a stereotypical view of black people. Space can be considered the key solution for a meaningful understanding of an infinite number of characters and works. Through this element of the narrative (space), one can perceive in the aforementioned Lobato's story the black person in a distanced view, unlike the vision proposed by the literature produced from the end of the 60s to the present day. The results demonstrate that, when the reader analyzes the characters and literary works from the perspective of the fictional space, he or she is able to see new approaches proposed by these characters and works by casting a critical eye on the stereotypical literature once produced in Brazil with regard to black space.

Keywords: Fictional space; Character; *Negrinha*; Monteiro Lobato.

* Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI. Professor do Centro de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal do Piauí – CEAD/UFPI. E-mail: edersonstar@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Os estudos sobre o espaço ficcional merecem a atenção dos pesquisadores que se dedicam a analisar as obras literárias, pois conhecer esse espaço significa dar um passo consistente para se compreender melhor o seu objeto de estudo.

Busca-se aqui, por meio do conto *Negrinha*, da obra *Negrinha e Outros Contos*, de Monteiro Lobato, demonstrar como o espaço ficcional está intimamente ligado às ações de cada uma das personagens e como ele ajuda o leitor a entender sempre mais o que as ideias que essa narrativa coloca em discussão. As funções do espaço e a relação deste com o enredo são bem enfatizadas aqui, de forma a evidenciar o potencial, em termos de espacialidade, que apresenta esse texto de Lobato.

Ademais, não há como deixar de mencionar que há um estereótipo do negro presente no conto *Negrinha* e o espaço ficcional ajuda o leitor a reconhecer esse trato que é dado para com o negro que o autor, investido na função de narrador, desenvolve ao longo do texto.

Além disso, por meio da personagem Inácia, nota-se no referido conto uma crítica à igreja católica e aos seus fiéis, pois não é suficiente apenas ouvir os ensinamentos religiosos e frequentar periodicamente o templo, mas é preciso buscar boas relações para com o próximo, com a prática de gestos concretos. Há ainda uma crítica à sociedade hipócrita que vive de aparências: D. Inácia é um anjo para os olhos da sua comunidade, mas um demônio no trato para com Negrinha.

Outro aspecto presente nessa obra de Lobato é a violência, não apenas a violência física, mas também a psicológica que fere a alma da personagem central, transformando aqueles espaços em terrenos de terror e de dor.



Este trabalho apresenta como aporte teórico as ideias de Borges Filho (2007), Bachelard (1988), dentre outros, a fim de desenvolver a temática relacionada ao espaço ficcional, como também apresenta a contribuição de Proença Filho (2004), dentre outros, no que se refere ao desenvolvimento da discussão no tocante ao estereótipo do negro presente em *Negrinha*.

2. O ESPAÇO FICCIONAL NO CONTO *NEGRINHA* DE MONTEIRO LOBATO E O ESTEREÓTIPO DO NEGRO

O espaço ficcional presente no conto *Negrinha*, do pré-modernista Monteiro Lobato, apresenta uma série de pormenores que ajuda o leitor a compreender melhor essa e outras obras da literatura brasileira, afinal, “[...] tudo na ficção sugere a existência do espaço – e mesmo a reflexão, oriunda de uma presença sem nome, evoca o espaço onde a proferem e exige um mundo no qual cobra sentido” (LINS, 1976, p. 69).

Antes de partir especificamente para a discussão sobre o espaço ficcional, é importante salientar 2 (dois) aspectos importantes que circundam essa obra de Lobato. O primeiro aspecto que não se pode deixar de frisar é que o conto *Negrinha* apresenta um estereótipo do negro, ou seja, esse conto não é escrito por negro e nem dá voz ao negro, apresentando apenas a situação opressora em que vive essa parcela da população brasileira. Outro aspecto presente nessa produção do pré-modernista Lobato é a violência, uma violência que dilacera o ser, não apenas fisicamente, mas, principalmente, mentalmente.

No que se refere ao negro como estereótipo na literatura brasileira, assinala Proença Filho:

A PRESENÇA DO NEGRO na literatura brasileira não escapa o tratamento marginalizador que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade.

Evidenciam-se na sua trajetória no discurso literário nacional, dois posicionamentos: *a condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada.*

Tem-se, desse modo, literatura *sobre* o negro, de um lado, e literatura *do* negro, de outro (PROENÇA FILHO, 2004, p. 161, grifo do autor).

Logo na primeira página do conto *Negrinha* há uma referência à época da escravatura, ou seja, um lugar-comum quando se costuma mencionar o negro na literatura brasileira,



principalmente na literatura produzida até o início do século XX: “Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças” (LOBATO, 2019, p. 7). Tem-se, assim, uma ilustração do estereótipo do negro visto como objeto, tal como afirma Proença Filho.

Além disso, é de grande valia que o leitor perceba, logo no início da obra literária, em quais espaços as personagens estão situadas e quais as relações que esses espaços estabelecem com os demais elementos da narrativa. Sem dúvida alguma o autor não situa as personagens aleatoriamente, sem uma razão de ser, mas compreender por que tais elementos da narrativa estão ali e não acolá já proporciona um certo grau de compreensão do enredo ali presente:

Uma primeira parte do enredo é chamada de exposição ou apresentação. É a parte introdutória da narrativa. É nela que se apresentam as personagens, os fatos iniciais. Também é nessa parte que se apresenta o primeiro espaço da narrativa. É o espaço inicial. Deve-se identificá-lo, perceber suas características e estar atento no seu papel no desenrolar da narrativa (BORGES FILHO, 2007, p. 43).

Nesse sentido, faz-se necessário observar que a obra literária apresenta uma multiplicidade espaços e todos eles devem ser bem analisados. Enfatiza-se aqui mais uma vez que é de grande valia não perder de vista que o espaço está intimamente ligado aos demais elementos da narrativa, como, por exemplo, às personagens, conforme asseveram Santos e Oliveira:

Assim sendo, se criamos uma personagem ficcional, vamos posicioná-la relativamente a outros elementos de nosso texto. Podemos situá-la fisicamente (criamos um espaço geográfico), temporalmente (definimos um espaço histórico), em relação a outras personagens (determinamos um espaço social), em relação às suas próprias características existenciais (concebemos um espaço psicológico), em relação a formas como essa personagem é expressa e se expressa (geramos um espaço de linguagem), e assim por diante (SANTOS; OLIVEIRA, p. 2001, p. 67-68).

Para enfatizar ainda essa relação entre espaço e personagem, deve-se observar que “toda caracterização de personagem desafia e incentiva um preenchimento de vazios” (REIS, 2015, p.16). Assim, para o preenchimento desses vazios, o leitor também pode e deve



recorrer ao espaço ficcional em que essa personagem está enquadrada, pois esse espaço ajuda a fornecer elementos para que o leitor possa realizar várias inferências sobre a obra literária.

Nota-se também que os espaços ocupados pela personagem Negrinha são os “cantos escuros da cozinha”, assim, percebe-se mais uma vez o estereótipo do negro tratado no conto. Os “cantos” são espaços onde se costuma deixar de lado as coisas que não interessam tanto às pessoas, é como se eles servissem de refúgio para algum mal iminente. Já a expressão “escura” possui também uma conotação de algo ruim/terrorizante na obra. Outro espaço a ser colocado aqui em evidência é a cozinha, ou seja, o negro, numa visão preconceituosa, é encontrado muitas vezes nesse espaço, como se esse ser fosse apenas um serviçal que exerce um papel secundário, clichê encontrado comumente nas novelas brasileiras, inserindo, no imaginário dos telespectadores e dos leitores, esse caráter discriminatório no trato para com o negro.

Ademais, há também no conto *Negrinha* uma ironia latente e uma crítica veemente à igreja católica, em uma lembrança à venda de indulgências realizada por essa instituição religiosa. Além disso, pode-se travar ainda uma discussão sobre as falsas aparências, aspecto muito cultivado pela sociedade hipócrita brasileira presente no início do século XX. A patroa da personagem Negrinha ilustra bem tanto a crítica direcionada à igreja católica como a hipocrisia vivenciada pela sociedade de outrora:

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebe as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em sua – ‘dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral’, dizia o reverendo. Ótima, a dona Inácia (LOBATO, 2019, p. 7).

Nota-se também no conto em questão que os espaços ocupados pela personagem central da obra são espaços que estão intimamente em comunhão com os sentimentos vividos por ela. Os fundos do quintal são alguns dos espaços citados na obra *Negrinha*. O vocábulo “fundos” possui uma carga expressiva muito forte, denotando desprezo, indiferença, desatenção, humilhação, etc., expressões que traduzem muito bem o sentimento que essa patroa dedicava à sua “empregadinha”: “Quem havia de ser? A pia de



lavar pratos? O pilão? O forno? A mão da criminosa abafava a boquinha da filha e afastava-se com ela para os fundos do quintal, torcendo-lhe em beliscões de desespero. – Cale a boca diabo!” (LOBATO, 2019, p.65).

Sobre os espaços que representam os sentimentos vividos pelas personagens, discorre Borges Filho:

Esses não são espaços em que a personagem vive, mas são espaços transitórios, muitas vezes, casuais. Assim, em determinadas cenas, observamos que existe uma analogia entre o espaço que a personagem ocupa e o seu sentimento. Por exemplo, teremos uma cena de alegria que se passa sob o sol fresco de um fim de tarde, brilhante, num céu com poucas nuvens e passarinhos voando. Parece que, como a personagem, a natureza está alegre, portanto, há uma relação de homologia entre personagem e espaço. Trata-se de um espaço homólogo (BORGES FILHO, 2007, p. 40).

Cabe destacar outro aspecto relevante dentro da obra *Negrinha* (além da ironia constantemente presente): a violência. Não apenas a violência física, mas também a psicológica. Um dos momentos mais chocantes do conto é exatamente o momento em que a patroa coloca um ovo fervendo na boca da sofrida criança. Isso provoca no leitor uma reflexão sobre quantas atrocidades foram cometidas aos povos negros. Essa reflexão que a literatura propõe é importante para que se construam novas páginas de respeito e dignidade a esses povos. Não há dúvida de que em *Negrinha* história e ficção estão entrelaçadas, de mãos dadas. A seguir, tem-se o momento em que a personagem principal do conto recebe o ovo quente:

Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, com uma colher, tirou da água ‘pulando’ o ovo e zás! na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. Depois:

- Diga nomes feios aos mais velhos outra vez, ouviu, peste? E a virtuosa dama voltou contente da vida para o trono, a fim de receber o vigário que chegava (LOBATO, 2019, p. 10).

Faz-se necessário notar na citação anterior que, quando a patroa comete a atrocidade de colocar o ovo quente na boca da Negrinha, a “virtuosa” senhora volta ao trono. Esse ato de voltar ao trono traz um sentido implícito muito forte, ou seja, essa senhora, por ter a pele branca e condição socioeconômica mais elevada, tem o “poder” para praticar quaisquer



violências para com o negro e, ainda assim, manter um *status* social privilegiado. Uma dama má, mas, aos olhos das sociedade e, principalmente, da igreja, é uma dama bondosa, caridosa.

Segundo Borges Filho (2007, p. 35) o espaço ficcional também tem o condão de caracterizar as personagens no contexto socioeconômico, mesmo quando esse espaço não é claramente identificado. É o que acontece na complicação ou desenvolvimento do enredo. As sobrinhas da Dona Inácia vieram passar férias com ela e, na descrição desse momento do conto, há uma referência ao espaço de onde vieram as sobrinhas da senhora Inácia, em “ninho de plumas”, denotando que essas crianças pertencem a uma classe social economicamente mais elevada: “Certo dezembro vieram passar as férias com Santa Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas” (LOBATO, 2019, p. 10).

No que se refere à complicação ou ao desenvolvido do enredo e suas relações com o espaço ficcional das personagens, assinala Borges Filho:

Após a exposição, temos a complicação ou desenvolvimento. Esse momento ocorre quando algo interfere e quebra aquela situação inicial, impulsionando a história. Cabe-nos, então perguntar, em que espaço ocorre esse quebra da situação inicial e qual o efeito de sentido que ele provoca dentro da narrativa. Será o espaço inicial o mesmo da complicação? São diferentes? Por quê? Já que se pode ter mais de uma complicação dentro de uma narrativa também se pode mais de um espaço vinculado a ela. Cumpre analisá-los e verificar suas interrelações (BORGES FILHO, 2007, p. 43).

Além disso, o espaço ficcional assume algumas vezes outra função: a de antecipar a narrativa. Assim, antes mesmo de iniciar a ação seguinte, o espaço já está denunciando o que virá a seguir, antecipando o teor dos acontecimentos da narrativa. É o que acontece quando Dona Inácia sugere que as crianças brinquem no jardim. A princípio, pode-se pensar que a referida senhora está sugerindo isso apenas para as sobrinhas, mas depois ela deixa claro que essa sugestão contempla também a personagem Negrinha e essa criança ficaram radiantes de felicidade. Essa felicidade veio à tona depois que a personagem Dona Inácia citou um espaço que denota alegria, prazer, felicidade: o jardim: “- Vão todas brincar no jardim, e vá você também, mas veja lá, hein? Negrinha ergueu os olhos para a patroa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu mais a fera antiga. Compreendeu vagamente e sorriu” (LOBATO, 2019, p. 12).



Destarte, Borges Filho também discorre sobre a mencionada função do espaço: a antecipação da narrativa:

Através de índices impregnados no espaço, o leitor atento percebe os caminhos seguintes da narrativa. Em outras palavras, há uma prolepse espacial. Por exemplo, suponhamos que o herói está se escondendo de seu algoz. O narrador, ao apresentar o espaço em que o herói se encontra, mostra-nos uma faca em cima de uma mesa. Momentos depois, é justamente aquela faca que servirá para a defesa do herói (BORGES FILHO, 2007, p. 41).

É importante notar também que é no espaço do jardim que a personagem Negrinha também se dá conta que é gente, ser humano, e essa constatação é um caminho sem volta, ou seja, não dá mais para se comportar e suportar tudo como antes, ficaria agora impossível aguentar o tratamento desumano de D. Inácia. O jardim é um espaço que exala beleza e, na brincadeira com as sobrinhas de D. Inácia e com a boneca, Negrinha experimentou o prazer de viver e essa experimentação trará uma consequência crucial: a morte. Eis, então, o clímax do conto:

Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentia-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa – e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava! Assim foi – e essa consciência a matou (LOBATO, 2019, p. 12).

Ainda sobre essa discussão, percebe-se que o clímax do conto ocorre em um espaço singular (o jardim) e esse espaço se comunica com a personagem principal da obra, ajudando na construção do efeito de sentido do enredo. A vida da menina negra não era um jardim, a vida dessa menina era um canto. O jardim foi apenas um breve instante, mas como ficar por horas e horas, uma vida inteira em um canto quando se sabe que existe um jardim, uma boneca, outras crianças e a felicidade? Sobre a relação entre o espaço e o clímax na narrativa, afirma Borges Filho:

O desenvolvimento da narrativa atinge um ponto em que não há mais possibilidade de continuidade, é o ponto de maior tensão da narrativa. Esse ponto, geralmente, é chamado de clímax. É o ponto mais próximo do desfecho. Nesse momento também deve-se perguntar a respeito da



espacialidade que está ali organizada. De que maneira o narrador organizou aquele espaço e quais os sentidos que se podem depreender dele. Por que o narrador escolheu determinado espaço para situar personagens e ação e não outro? (BORGES FILHO, 2007, p. 43).

Dentre outros aspectos, sabe-se que a casa, em geral, é um ambiente acolhedor, mas já se sabe que a casa para a personagem principal do conto de Lobato não tinha esse aspecto. E essa personagem, depois de se dar conta que era gente, passa a perceber a estranheza e a não identificação que esse ambiente espacial que lhe causa: “Terminada as férias, partiram as meninas levando consigo a boneca, e a casa voltou a ramerrão habitual. Só não voltou a si Negrinha. Sentia-se outra, inteiramente transformada” (LOBATO, 2019, p. 13).

Sobre a importância que a casa exerce em relação aos que nela habitam ou habitaram, revela Bachelard:

Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “jogado no mundo”, como o professam as metafísicas apressadas, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, nos nossos devaneios, ela é um grande berço (BACHELARD, 1988, p. 26).

Assim, pode-se perceber que a casa para Negrinha nunca foi esse “berço” descrito por Bachelard, mas essa personagem conseguiu suportar até certo tempo as agruras da vida dentro desse espaço, porém, a partir do momento da sua grande descoberta, caiu em si, enxergou-se como ser humano e passou a ter uma outra visão sobre o ambiente que a circundava. Ela, então, não vivia mais na casa, mas, a partir daí, apenas estava na casa e, como diz Bachelard, passou a ser “um ser disperso”, com o pensamento em viagem.

Mesmo sabendo que Lobato construiu um estereótipo do negro, não se pode negar a sua maestria na construção de seus textos. Na descrição da morte da personagem principal do conto em questão, por exemplo, Lobato mistura prosa e poesia, em um eufemismo de extrema grandeza, transformando um momento de dor em um momento de rica poesia:

Veio a tontura; uma névoa envolveu tudo. E tudo regirou em seguida, confusamente, num disco. Ressoaram vozes apagadas, longe, e pela última vez o cuco lhe apareceu de boca aberta.
Mas, imóvel, sem rufar as asas.
Foi-se apagando. O vermelho da goela desmaiou...



E tudo se esvaiu em trevas (LOBATO, 2019, p.13).

Referindo-se ainda a esse estereótipo do negro trazido por Monteiro Lobato, pode-se notar que, mesmo trazendo essa etnia para dentro do seu conto e provocando uma certa reflexão social sobre a situação desse negro no contexto brasileiro, Lobato não dá voz aos descendentes da mãe África. No entanto, o negro não quer ser apenas mencionado nas obras literárias, mas ele quer um espaço bem maior e que lhe é de direito, quer ter voz não somente enquanto personagem literário, mas também enquanto autor, enquanto crítico, etc.:

Se em sua visão idealizadora o poeta não consegue escapar do estereótipo, se ele não dá voz ao negro, mas se comporta como um advogado de defesa que quer comover a platéia e provar a injustiça da situação que denuncia, tenhamos presente, entretanto, que é ele quem assume, na literatura brasileira, o brado de revolta contra a escravidão, abre espaço para a problemática do negro escravo, num momento histórico em que o negro era, como assinala Antonio Candido, 'a realidade degradante, sem categoria de arte, sem lenda histórica' (PROENÇA FILHO, 2004, p. 164-165).

Para exemplificar a discussão travada anteriormente por Proença Filho sobre a visão estereotipada do negro na literatura por parte de alguns artistas, em um dado momento da obra em questão, percebe-se que Negrinha está "ao pé" da sua patroa, numa atitude de subserviência, demonstrando que a raça branca (representada por D. Inácia) é tida como superior.

Outra fato que pode ser percebido ainda é a questão de não se dar voz ao negro e mais uma vez a senhora Inácia ilustra bem isso quando pede para Negrinha ficar calada: "Aprendeu a andar, mas quase não andava. Com pretextos de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta. – Sentadinha aí, e bico, hein?" (LOBATO, 2019, p.65).

Nesse sentido, Proença Filho está certo quando afirma:

A visão distanciada configura-se em textos nos quais o negro ou o descendente de negro reconhecido como tal é personagem, ou em que aspectos ligados às vivências do negro na realidade histórico-cultural do Brasil se tornam assunto ou tema. Envolve, entretanto, procedimentos que, com poucas exceções, indiciam ideologias, atitudes e estereótipos da estética *branca* dominante (PROENÇA FILHO, 2004, p. 161).



Na esteira de discussão entre espaço e enredo, o narrador, a fim de demonstrar a insignificância da morte de Negrinha, menciona no desfecho do conto que a menina foi enterrada em vala comum. Esse espaço denota muito bem o que o narrador pretende passar aos seus leitores, ou seja, esse narrador pretende passar a ideia de que a morte dessa personagem não iria repercutir e nem alterar o curso das coisas, pois havia morrido uma pessoa sem significância social em virtude de sua etnia e de sua condição econômica. Além disso, D. Inácia, por pertencer à raça de maior prestígio social e ter condição econômica mais elevada, conseqüentemente encontraria com facilidade outra negra para realizar os seus caprichos e continuar os seus atos violentos: “Depois, vala comum. A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira – uma miséria, trinta quilos mal pesados...” (LOBATO, 2019, p. 13).

No tocante à abordagem entre desfecho da narrativa e espaço ficcional, Borges Filho pontua:

Após o clímax, segue-se naturalmente o desfecho, a conclusão do texto. Resta analisar qual é o espaço em que isso ocorre. É o mesmo espaço em que ocorre uma das outras partes do enredo? Existe essa coincidência ou não? Quais os efeitos de sentido daí decorrentes? O espaço inicial, por exemplo, é o mesmo do espaço final? Houve alguma metamorfose nesse espaço entre o início e o fim da narrativa? (BORGES FILHO, 2007, p. 43-44).

Ainda na esteira de discussão sobre o espaço ficcional, evidencia-se que a cozinha é um cômodo que fica, em geral, ao fundo das casas e esse espaço, ocupado muitas vezes pela personagem central da obra, possui uma relação muito forte para com essa personagem, denotando que Negrinha está à margem da sociedade, desprezada, a última da fila, se é que há vaga na fila para ela. Ademais, outro fator que aproxima Negrinha da cozinha também é o fato de a cozinha ser o ambiente de trabalho em que as escravas/as empregadas dedicam maior tempo do seu dia no preparo das refeições. Faz-se necessário ressaltar a grande insensibilidade de D. Inácia para com a criança negra, qualquer barulho que a menina fizesse poderia irritá-la e provocar a ira dessa “virtuosa” senhora, em um completo desrespeito ao direitos humanos:

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viúva sem filhos, não a calejara o choro da carne de sua carne, e por isso não suportava o choro da carne alheia. Assim, mal vagia, longe, na cozinha, a



triste criança, gritava logo nervosa: Quem é a peste que está chorando aí? (LOBATO, 2019, p.7).

Porém, não há dúvida de que o canto é o espaço mais habitado por Negrinha, como também é o que mais bem representa os sentimentos vividos por ela. Muitas vezes a expressão “canto” é reduzida para o diminutivo, a fim de representar ainda mais fielmente os sentimentos dessa personagem: “Com as lágrimas dolorosas, menos de dor física que de angústia moral – sofrimento novo que se vinha acrescer aos já conhecidos – a triste criança encorajou-se no cantinho de sempre.” (LOBATO, 2019, p. 10).

Mesmo quando Negrinha via as sobrinhas de D. Inácia brincarem, em um retrato fiel da desigualdade e da exclusão, ela não se atrevia a sair do seu canto. Esse espaço marca muito profundamente a vida dessa criança, fazendo com que ela se lembre (a cada instante) da sua condição social dentro daquela casa:

Do seu canto na sala do trono, Negrinha viu-as irromperem pela casa como dois anjos do céu – alegres, pulando e rindo com vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou imediatamente para a senhora, certa de vê-la armada para desferir contra os anjos invasores o raio de um castigo tremendo (LOBATO, 2019, p. 10).

Além disso, cabe trazer à tona a presença de negro infantilizado nessa obra de Lobato. Esse estereótipo não é característica apenas da obra desse autor ou mesmo de outros pré-modernistas e modernistas brasileiros, mas essa prática vem de muito antes e foi bastante ilustrada nas obras do Romantismo e do Realismo no Brasil, assim como revela Proença Filho:

É um momento em que também emerge o negro infantilizado, serviçal e subalterno, que se encontra, por exemplo, em peças de teatro como *O demônio familiar*, de José de Alencar, e *O cego*, de Joaquim Manuel de Macedo. Esse estereótipo permanece, associado à animalização, na figura de Bertoleza, do romance *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo (PROENÇA FILHO, 2004, p. 165).

Para se estabelecer um marco divisório, até meados dos anos de 1960, no Brasil, tem-se, em geral, uma literatura que tratava o negro de forma estereotipada, assim como no conto em questão, mas, a partir dessa data, encontram-se textos mais compromissados com a desafiadora situação da etnia negra, sobretudo no campo da produção literária.



E foi então que, para alavancar essa literatura negra, muitos grupos, movimentos e revistas começaram a produzir uma literatura que fosse ao encontro desses negros, atendendo aos seus anseios e quebrando alguns paradigmas que impediam o avanço da produção literária desses autores, conforme assinala Proença Filho:

Os propósitos de afirmação étnica e de identidade cultural, o espírito de grupo, aliados às dificuldades mercadológicas que enfrentaram e enfrentam, levaram-nos a integrar outros grupos e movimentos, entre eles o grupo Quilombohoje, de São Paulo, criado em 1980, responsável pela publicação dos *Cadernos negros*, periódicos divulgadores com vários números em circulação, o grupo Negrícia, Poesia e Arte do Crioulo, lançado no Rio de Janeiro, em 1982, e o grupo Gens (Grupo de Escritores Negros de Salvador), que data de 1985 (PROENÇA FILHO, 2004, p. 178).

É extremamente oportuno mencionar que os *Cadernos Negros*, por exemplo, são exemplos de produções que foram criadas há anos (na década de 70) e tais produções ainda continuam vivas e atuantes, tornando-se verdadeiros veículos de resistência e cultura, divulgando não apenas a prosa de escritores negros, mas também a poesia, a escrita infantojuvenil etc., conforme pontua Duarte:

Ao longo de sua existência, os *Cadernos Negros* pouco se distanciaram desta postura incisiva – que se transformou em sua marca registrada –, e que termina por afastá-los de uma linha menos empenhada em termos de militância, como, por exemplo, a dos poetas Edimilson de Almeida Pereira e Ronald Augusto, de prosadores como Muniz Sodré, Nei Lopes, Joel Rufino dos Santos ou, no campo da escrita infantojuvenil, Júlio Emílio Braz, Rogério Andrade Barbosa, o próprio Joel Rufino dos Santos, além de Heloisa Pires de Lima, para citarmos alguns contemporâneos (DUARTE, 2014, p. 21).

Não há dúvida de que o processo de publicação de obras que possuem uma identidade negra resvala não só, mas também na insuficiente condição financeira dos autores negros, pois publicar uma obra neste país custa muito caro e, conforme revelam Beghim e Jaccoud (2002), ao longo dos anos, o negro ganha um salário inferior ao salário do branco na realização das mesmas tarefas. Assim, ver uma escritora como Carolina Maria de Jesus sendo aclamada pelo público e pela crítica, incluída aos poucos no cânone da literatura brasileira, é motivo de grande orgulho para a literatura de língua portuguesa, mas, infelizmente, ela não exemplifica uma regra, mas uma exceção, exatamente pelo fato de o Brasil ser um país historicamente preconceituoso. Sobre essas questões, ressalta Jurema José de Oliveira:



O processo de exclusão de determinados indivíduos ou grupos encontra respaldo na impossibilidade de materialização e significação do dinheiro, do espaço e do tempo que garante a manutenção do poder político àqueles considerados 'bons' e contribui para a deterioração ainda maior daqueles que adquiriram o *status* de 'maus' (OLIVEIRA, 2007, p. 71).

Portanto, o espaço ficcional é um elemento que ajuda a compreender os demais elementos da narrativa. Conseqüentemente, ele auxilia na identificação de obras que tratam o negro de forma estereotipada, a fim de que se possa despertar uma reflexão crítica e se obter um posicionamento mais engajado no que se refere à literatura negra.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, percebe-se que espaço ficcional está em inteira sintonia com as ideias que o narrador do conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato, pretende repassar aos seus leitores. Isso fica bem evidente quando se observa as funções do espaço e a relação que esse espaço constrói no que se refere ao enredo da obra.

Não se deve mais conceber uma literatura que trate o negro de forma estereotipada, pois a literatura deve também se propor ao engajamento social, fortalecendo as lutas e os anseios daqueles que buscam o seu espaço de direito na sociedade.

Porém, mesmo tratando o negro de forma estereotipada, é quase impossível ler o conto *Negrinha* e não extrair dele uma reflexão sobre os direitos humanos, reflexão esta que urge também nos tempos atuais em que se percebe uma fragilidade do Estado no trato com as minorias e um abalo nos ideais democráticos.

Deve-se admitir aqui a riqueza em termos de linguagem empregada por Lobato. Tem-se no citado conto uma linguagem literária rica e plurissignificativa, notando-se em alguns momentos dessa obra a presença até mesmo de prosa poética, como no relato em que o narrador descreve a morte da personagem Negrinha e como ela foi sepultada, enterrada.

Não obstante, é preciso ter uma visão crítica bem apurada ao se deparar com uma obra como essa, pois riqueza de linguagem não é suficiente para enquadrar uma obra como boa ou ruim, pois é preciso que os estereótipos, que tanto perseguem os negros ao longo das várias escolas literárias, sejam quebrados, tendo em vista que o negro não quer ser apenas mencionado em obras artísticas, mas ele que ter voz e autoria. Dentro dessa seara, há que se reverenciar o trabalho de grupos de resistência, como o grupo Quilombhoje, responsável pela publicação dos *Cadernos Negros* que divulga uma autêntica literatura e cultura negra.



Assim, percebe-se que o espaço ficcional contribui de forma salutar para a compreensão das ideias que a obra literária pretende colocar em pauta, fazendo com que se possa desvendar com mais facilidade os estereótipos que se encontram escondidos nas frestas dos espaços literários.

REFERÊNCIAS

BEGHIM, N.; JACCOUD, L. de B. **Desigualdades raciais no Brasil**: um balanço da intervenção governamental. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2002.

BORGES FILHO, Ozíres. **Espaço e literatura**: introdução à topoanálise. São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura afro-brasileira**: 100 autores do século XVIII ao XX. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

LOBATO, Monteiro. **Negrinha e outros contos**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2019.

OLIVEIRA, Jurema José de. **Violência e violação**: uma leitura triangular do autoritarismo em três narrativas contemporâneas luso-afro-brasileiras. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2007.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados** 18 (50), 2004.

REIS, Carlos. **Pessoas de livro. Estudos sobre a personagem**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.

SANTOS, L. A. B.; OLIVEIRA, S. P. de. **Sujeito tempo e espaço ficcionais**: introdução à teoria da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Recebido: 02/10/2023

Aprovado: 19/12/2023

